

IMAGEM NA LITERATURA: INTERTEXTUALIDADE E NARRATIVIDADE

Angela da Rocha Rolla¹

No processo de elaboração da linguagem, mesmo antes de exprimir-se com palavras, a criança mostra-se sensível às imagens. Fala-se aqui de imagem como representação que está presente em quase tudo que nos rodeia no mundo contemporâneo: nas embalagens dos produtos, nos quadros, na tela da televisão, do cinema ou do computador, nas revistas, nos livros infantis, nas mensagens publicitárias. Segundo Werneck (1983), a imagem sempre representa algo, ela é um material semi-concreto, bidimensional, estabelecendo uma comunicação mais direta do que o código verbal escrito, que se apresenta de forma abstrata. A linguagem pictórica antecede a linguagem verbal escrita. A história da humanidade registra as primeiras comunicações gráficas por símbolos ideográficos e o próprio homem, ao longo do tempo utilizou-se da imagem para expressar a si próprio.

Embora haja uma infinidade de meios para a expressão pictórica, trata-se neste artigo exclusivamente da imagem que aparece nos livros infantis, mais precisamente da ilustração. A ilustração é toda imagem que acompanha um texto, mas nem sempre está ligada diretamente a ele. Pode ser apenas um elemento decorativo do livro, pode ser fiel ao texto ou ainda ir além do texto, trazendo-lhe dados novos. Nesse último caso, o conjunto da obra se realiza de tal forma que dificilmente se pode usar outro ilustrador sem que o livro se torne outro livro. A ilustração que acompanha o texto verbal nos livros literários tem função comunicativa e tem também função estética. Deve-se, no entanto, separar pintura e ilustração, que não são a mesma coisa, nem desempenham a mesma função.

É significativo o fato de que muitos ilustradores contemporâneos estejam ligados de alguma forma à pintura. Tomam-se como exemplo alguns nomes de ilustradores brasileiros com formação em Artes Plásticas como Claudia Scatamacchia, Helena Alexandrino, Mariana Massarani, Marilda Castanha, Elvira Vigna, Eva Furnari, Ricardo Azevedo e

¹ Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)

outros. A relação entre arte e ilustração parece vital para a qualidade do trabalho de um ilustrador de livros infantis. A pintura ocidental, a despeito de suas diferentes finalidades ao longo dos tempos, servindo para glorificar soberanos, para fins didáticos, religiosos ou estéticos, tem características que avançam até o limiar do século XX, que são praticamente imutáveis e que a aproximam, de certa forma, da ilustração contemporânea: a verossimilhança e a narratividade. A verossimilhança está relacionada à criação de um simulacro da realidade, conceito que vem desde Aristóteles e que norteou a pintura ocidental, dirigindo o gosto do público e determinando a qualidade do artista. O outro aspecto característico é o caráter narrativo da pintura ocidental, pelo menos até o expressionismo. A pintura sempre contou histórias, o que a torna bastante próxima da função do ilustrador que é também a de contar histórias.

Vamos nos valer de Fanuel Díaz (1985) para avançar na relação entre a obra de arte propriamente dita e a ilustração do texto literário. Diferente da ilustração, a obra de arte exposta em museus estabelece um tipo de relação privilegiada com seu público. A obra está ali só para ser vista, para despertar e evocar múltiplas mensagens no espectador que a contempla, estabelecendo uma comunicação pessoal bastante forte, onde entram em jogo um conjunto de significações individuais que se atualizam e se transformam. Além disso, a obra de arte não depende do texto para sua interpretação, fala por uma série de elementos, um conjunto de unidades que formam um código, uma linguagem que se articula de maneira distinta e irrepetível em cada caso particular.

Independente de que um quadro possa contar uma história, a linguagem plástica não tem mais referências do que o próprio quadro. A ilustração de uma obra literária, no entanto, faz parte de um contexto mais limitado, inserindo-se dentro de uma história. O ilustrador não faz uma seleção direta da realidade, ele trabalha sobre uma segunda realidade que é o texto criado pelo escritor. Essa primeira diferença determina os níveis de interpretação da ilustração, que mesmo sendo bastante ricos e criativos, não podem alcançar o nível de abertura que permite a leitura de uma tela.

Em segundo lugar, as imagens de um livro são um produto massivo, ao alcance de um público amplo. Aí entra em jogo a questão do original e da cópia, que perde o sentido a partir das modernas técnicas de reprodução, que teve como início o próprio livro. No caso

da ilustração, o original é o múltiplo e “o conhecimento estético-formal da ilustração tem que fruir do múltiplo, e só se completa a partir da relação texto/imagem. Para saber se uma ilustração é boa ou má temos que ler o livro. Isso não existe na pintura, ela se auto-justifica” (OLIVEIRA: 34). Outro dado importante é o avanço técnico da arte, que evoluiu de um dogmatismo rígido para uma experimentação mais livre, afastando-se completamente da característica inicial, ligada à reprodução da natureza e à narratividade. Segundo Oliveira é impossível negar a influência determinante da pintura na ilustração. Mas o inverso também é verdadeiro. A ilustração contemporânea em diversificação de técnicas, estilos e materiais revitalizou a pintura e a trouxe ao grande público.

Todas essas diferenças e aproximações entre pintura e ilustração permitem compreender melhor a natureza e a forma de ler a ilustração de um livro literário. A ilustração sempre conta uma história, a pintura hoje em dia nem tanto. A ilustração é sempre figurativa. Mesmo quando se expressa através de abstrações e cores - como em *Flicts* de Ziraldo - o faz tomando como exemplo o mundo dos fatos. A pintura pode ter ou não um propósito. A ilustração tem sempre um propósito, nada é casual e a pura contemplação da imagem não faz parte de sua especificidade. Isso não impede que o leitor tenha sua própria leitura da imagem, embora esteja em jogo a capacidade do ilustrador de materializar a sua visão do texto em uma forma concreta e palpável que sempre particulariza a interpretação. O ilustrador é co-autor ou primeiro leitor da obra, o que delineia, de uma certa forma, a leitura do receptor. A ilustração não deve ser vista isoladamente, mas no conjunto da obra e na sua associação - direta ou indireta - ao texto. Segundo um ilustrador, a boa ilustração é aquela que revela uma significação entre os personagens e os objetos representados, muito acima da mera reprodução ou do desenho bem feito.

Em relação à ilustração, o que a liga indissolivelmente às artes plásticas é a linguagem comum, pois ambas usam os mesmos elementos de composição: a linha, a cor, a superfície, o formato, a perspectiva, a textura, a luz e os elementos decorativos. A decodificação desses elementos que em seu conjunto organizam-se em uma unidade, assim como o conhecimento dos códigos literários são o primeiro passo para a interação entre leitor e texto. É essencial a familiarização dos leitores com as técnicas e os estilos dos

ilustradores através da educação do olhar para as duas leituras - a da imagem e a das palavras.

A ilustração nacional e estrangeira atingiu um nível técnico e estético que supera muitas vezes a produção literária do escritor. Isso pode atestar a crescente valorização dos ilustradores, que antes não eram nem citados na edição das obras e hoje adquirem *status* de autores, participando de exposições, premiações, catálogos, feiras, oficinas.

As modalidades em que se apresenta a imagem na literatura brasileira infantil podem ser sintetizadas em uma tipologia:

Ilustração para texto verbal

Trata-se de Imagens criadas para um texto, como nas histórias curtas em que a partir do texto do escritor, o ilustrador cria o seu projeto. Um exemplo pode ser Ziraldo que mescla a fotografia e o desenho caricatural, usando elementos dos quadrinhos como o balão, que se tornaram sua marca registrada, abrindo caminho para outros ilustradores.

Na ilustração para a obra *O pequeno planeta perdido* obra de Ziraldo, há uma relação interessante entre texto e imagem. “O mundo de oitenta passos sem rio, sem mar, sem morro” está representado por uma laranja. O que importa nesta ilustração não é o objeto que ele usa para representar, mas o efeito que ele causa através da textura, da luz e da cor.

Texto criado para ilustrar imagens

As imagens desta modalidade são geralmente obras de artistas plásticos para os quais é criada uma história. As obras, antes com significado próprio, são agrupadas em sequência e o escritor atribui a elas outro significado, a partir da história criada. A obra *O forasteiro* (1990) com texto de Waldir Ayala “ilustra” as telas do pintor Siron Franco. A posição se inverte. A intenção é mostrar as telas do artista através da criação de um texto literário que as represente. Há coleções sobre arte em que os textos criados são informativos. Nas coleções *Arte para criança* e a série *Olharte* há a criação de narrativas

literárias a partir das telas. Um texto bastante feliz na sua composição, tanto gráfica como verbal é *História de horizonte* de Alberto Martins sobre a obra de Goeldi.

Livro de imagem

O livro de imagem é uma história contada somente com imagens, sem texto. Os mais conhecidos autores de histórias sem texto são Rui de Oliveira, Eva Furnari, Angela Lago, Rogério Borges. Há uma relação muito próxima com a história em quadrinhos, principalmente nas obras de Eva Furnari. Há uma obra instigante, lúcida e séria de Angela Lago que deve ser lida por pessoas de qualquer idade, *Cena de rua* (1994), demonstrando que um livro de imagem não é leitura exclusiva de criança.

Imagem em quadrinhos acompanhada de texto

Muitos ilustradores brasileiros utilizam-se da linguagem dos quadrinhos como recurso, havendo até a edição de tiras e quadrinhos em livro, como nas obras de Eva Furnari, publicadas originalmente no jornal *Folha de São Paulo*.

O texto poético, embora não seja, por essência, uma arte sequencial, também começa a se utilizar dos recursos da história em quadrinhos, como na ilustração de Guazzelli para a obra *Bamboletras* (1998). Nesta edição da editora Projeto da coleção *Rimas e Tiras*, o cartunista ilustra os sentidos dos poemas, criando histórias paralelas. Nota-se também a presença da linguagem do cinema na utilização do foco narrativo, que se assemelha a uma câmera que aproxima ou afasta os objetos.

Imagem que lê outra imagem ou outro texto

A intertextualidade é o diálogo que se estabelece entre textos. Esses textos podem ser verbais ou não verbais, explícitos ou não. No caso de texto literário o recurso pode ser denominado paródia, quando houver inversão do sentido original ou paráfrase, uma aproximação do original, com o objetivo apenas de atualização. Quando acontece no texto

não verbal, como é o caso da imagem, pode-se denominá-la citação. No caso da ilustração de Jesús Gabán para a obra *O pintor de lembranças* (1995) – a ilustração cita Velázquez – supõe-se que com a intenção de torná-lo mais legível ou mais próximo do leitor contemporâneo. Se o leitor percebe a presença da tela de Velázquez na ilustração de Gabán a sua identificação com a obra será maior, permitindo-lhe ampliar as relações de sentidos entre texto e imagem. O que importa é o efeito de identificação que ele provoca no leitor, ampliando seu leque de significados e causando prazer estético.

Na ilustração de Gabán a cena é fiel ao original, com a atualização e acréscimo de alguns elementos: há a presença de um gato, a moldura da tela é dinâmica, a princesinha não age como uma princesa da corte do rei - contida, serena, estática, majestosa - mas como uma criança contemporânea - alegre, brincalhona, espontânea. O mesmo comportamento se repete nas meninas e nos serviçais que mostram no rosto espanto, susto, alegria, parecendo mais libertos do jugo real.

O diálogo entre textos se dá sempre através de um enunciado pré-existente, que não precisa ser uma obra inteira ou uma palavra. Pode ser um referencial geográfico como a estátua da liberdade representada por uma bruxa com uma vassoura em *Bruxa Onilda vai a Nova Iorque* (1996) A comicidade do texto vai acontecer na medida em que o leitor souber estabelecer ligações entre o original e a paródia.

As relações intertextuais que estão evidentes nas duas ilustrações citadas são condições básicas de legibilidade de qualquer texto, verbal ou não verbal. Desenvolver a percepção do leitor a partir da leitura das imagens que ilustram o texto literário é importante para a sua interação com a obra, que se dará por inteiro quando todas as suas partes tiverem um sentido para esse leitor. A familiarização do leitor com o texto depende então do conhecimento de outros textos em um movimento infinito. Um bom leitor se faz com a ampliação de sua rede de percepções que transita em todas as linguagens - do cinema, da publicidade, da arte. Para entender a palavra é também preciso entender a imagem.

Referências

AYALA, Walmir. *O forasteiro*. Ilustr. de Siron Franco. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 1990. Coleção Arte para a criança.

CAMARGO, Dilan. *Bamboletras*. Ilustr. de Guazzelli. Porto Alegre: Projeto, 1998. Coleção Rimas e Tiras.

CANIZO, José Antonio del. *O pintor de lembranças*. Trad. de Charles Kiefer. Ilustr. de Jesús Gabán. Porto Alegre: Projeto, 1995.

DÍAZ, Fanuel. Elementos de la ilustración: su relación com el arte. In: *Hojas de Lectura*. Fundalectura, n.34, jun. 85, p.4 – 11.

LAGO, Angela. *Cena de rua*. Belo Horizonte: RHJ, 1994.

LARREULA, Enric & CAPDEVILA, Roser. *Bruxa Onilda vai a Nova Iorque*. São Paulo: Scipione, 1996.

OLIVEIRA, Rui de . A imagem narrativa. Anais do III Congresso da FNLIJ. p. 34

WERNECK, Regina Yolanda Mattoso. Rumos da literatura infantil brasileira: a importância da imagem nos livros. Anais da 34ª Reunião Anual da SBPC, Campinas, dezembro de 1983.

ZIRALDO. *O pequeno planeta perdido*. Ilustração do autor. São Paulo: Melhoramentos, 1990.